

ESTRATÉGIAS

Diálogo em Buenos Aires

Pesquisadores de São Paulo e da Argentina reuniram-se em Buenos Aires entre 7 e 10 de abril para discutir novas parcerias e intensificar as colaborações científicas já em curso. O simpósio FAPESP Week Buenos Aires, organizado pela FAPESP e o Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet) da Argentina, apresentou avanços obtidos pela ciência paulista e portenha em áreas como astronomia, alimentos funcionais, energia, nanotecnologia, informação quântica e saúde. "Levamos a Buenos Aires um número significativo de pesquisadores do estado de São Paulo, o maior entre as edições da FAPESP Week", diz

Marcelo Knobel, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e coordenador adjunto de colaborações em pesquisa da FAPESP. No primeiro dia do evento, foi inaugurada no Palácio Pereda a exposição Brazilian Nature, dedicada à divulgação da biodiversidade brasileira. Uma mesa-redonda no dia 8 de abril discutiu parcerias em grandes projetos, como o Sirius, a nova fonte brasileira de luz síncrotron que deve entrar em operação em 2019. Pesquisadores da Argentina são os principais usuários estrangeiros da fonte atual no Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, em Campinas, em operação desde 1997. Também foram debatidas iniciativas no campo da

astronomia que reúnem os dois países, como o projeto Llama e o observatório de raios cósmicos Pierre Auger (leia reportagem à página 18). Um dos dias do simpósio foi dedicado integralmente às humanidades, campo em que as colaborações entre pesquisadores de São Paulo e Argentina são fortes. No último dia,

um dos destaques foi o debate sobre cooperação entre universidades e empresas. "O rico histórico de parcerias existente entre pesquisadores da Argentina e do estado de São Paulo torna natural um aprofundamento dessa antiga relação que, além de duradoura, é bastante profícua", disse o presidente da FAPESP, Celso Lafer.



Mesa-redonda no simpósio (acima) e inauguração da exposição Brazilian Nature, com a presença do presidente da FAPESP Celso Lafer e o embaixador do Brasil na Argentina, Everton Vieira Vargas

Laços estreitos entre Brasil e Argentina

O índice de colaborações entre a Argentina e o Brasil é um dos mais altos do mundo e segue crescendo. Era de 4,94 em 1997 e chegou a 5,81 em 2012 (ver quadro), como mostra o relatório Science and Engineering Indicators 2014 publicado pela National Science Foundation (NSF). Segundo a metodologia adotada pela NSF, valores maiores que 1 indicam colaboração superior ao que seria esperado levando-se em conta o perfil dos parceiros, enquanto valores menores que 1 revelam colaborações aquém da expectativa. "Apesar de a cooperação entre o Brasil e a Argentina ser intensa,

tem muito espaço para crescer", diz Marcelo Knobel, coordenador adjunto de colaborações em pesquisa da FAPESP. "São Paulo está a apenas duas horas de avião de Buenos Aires. O grau de maturidade da ciência dos dois países, os laços culturais e históricos e a proximidade da língua mostram que é possível ampliar as colaborações." O relatório da NSF mostra que colaborações científicas entre países latino-americanos são mais intensas do que a média mundial. O índice entre a Argentina e o México foi de 3,88 em 2012. Já entre Brasil e Estados Unidos o índice registrou 0,96.

ÍNDICE DE COLABORAÇÃO GLOBAL			
Região	Parcerias	1997*	2012*
Américas	Argentina-Brasil	4,94	5,81
	México-Argentina	2,50	3,88
	Canadá-EUA	1,19	1,14
	EUA-Brasil	0,83	0,96
Atlântico Norte	EUA-Reino Unido	0,68	0,77
	EUA-Alemanha	0,67	0,72
	EUA-França	0,57	0,66
Europa	Noruega-Suécia	4,38	4,61
	França-Alemanha	0,75	1,06
	Alemanha-Reino Unido	0,70	0,98
Pacífico Norte	Japão-EUA	1,00	0,86
	China-EUA	0,79	1,10
	Coreia do Sul-EUA	1,38	1,25
Ásia/Pacífico Sul	Austrália-Nova Zelândia	4,33	3,65
	Coreia do Sul-Japão	2,20	1,93
	Índia-Japão	0,78	1,06

* Valores maiores que 1 indicam mais colaboração que o esperado; menores que 1, colaboração aquém do esperado

FONTE: SCIENCE AND ENGINEERING INDICATORS 2014/NSF

Agência contra o ebola

A União Africana, que congrega 54 países do continente, vai criar até julho uma agência de combate ao vírus ebola. Com sede em Adis Abeba, na Etiópia, os African Centres for Disease Control and Prevention (ACDC) contarão com uma rede de laboratórios espalhados por vários países, nos moldes do European Centre for Disease Prevention and Control (ECDC), em Estocolmo. A ACDC terá um orçamento de US\$ 6,9 milhões até dezembro de 2016 e 11 funcionários. Segundo especialistas ouvidos pela revista *Nature*, as condições iniciais do projeto estão muito aquém do que seria necessário para

colocar em operação uma agência de saúde com atuação em todo o continente. "O orçamento e o quadro de funcionários são desproporcionais aos objetivos da agência", disse Lawrence Gostin, professor de Saúde Pública da Universidade de Georgetown, em Washington. Em editorial, a *Nature* classificou o projeto como oportuno, mas de formato inadequado: "É bem-vinda a ideia de um centro para o controle do ebola em todo o continente. Mas para que ela sobreviva e deixe de ser apenas uma promessa são necessários mais recursos". O editorial cita a estrutura do norte-americano Centers for



Técnicos fazem testes para confirmar casos de ebola em laboratório na Libéria

Disease Control and Prevention (CDC), que iniciou as atividades em 1946 com um orçamento de US\$ 120 milhões e hoje, com 15 mil funcionários, gasta US\$ 7 bilhões por ano. Mais de 10 mil pessoas morreram na epidemia de ebola que atingiu a África Ocidental a partir de março de 2014.

Novo diretor do CNPEM

O engenheiro Carlos Américo Pacheco deixou a reitoria do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos (SP), para assumir a direção geral do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM), em Campinas, organização social ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) que reúne os laboratórios nacionais de Luz Síncrotron (LNLS), de Biociências (LNBio), de Ciência e Tecnologia de Bioetanol (CTBE) e de Nanotecnologia (LNNano). Doutor em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), fez pós-doutorado na Universidade Columbia, nos Estados Unidos. Américo Pacheco foi secretário-executivo do MCTI entre 1999 e 2002 e secretário adjunto da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do estado de São Paulo em 2007.

Programa do cérebro mergulha em crise

O comitê executivo do Projeto do Cérebro Humano (HBP, na sigla em inglês), esforço de € 1 bilhão lançado em 2013 pela Comissão Europeia para impulsionar a pesquisa em neurociência e computação, foi dissolvido em meio a uma crise que deve provocar mais mudanças na iniciativa. O problema eclodiu no ano passado, quando um grupo de 100 neurocientistas acusou os dirigentes do programa de má gestão e ameaçou boicotá-lo. Um comitê de avaliação foi convocado para examinar as queixas e concluiu que muitas

delas são procedentes. Uma das críticas está relacionada à decisão da administração do programa de restringir a participação de pesquisadores do campo da neurociência cognitiva, que estuda a base biológica de processos mentais, como memória e aprendizagem. A ausência de cientistas dessa área nas próximas etapas do projeto, diz o relatório, "subverte as ambições de integrar e validar abordagens múltiplas para simular o funcionamento do cérebro". O documento também pede que sejam incluídos experimentos

com primatas, que não estavam previstos originalmente. O documento lança críticas ao líder do projeto, Henry Markram, pesquisador do Swiss Federal Institute of Technology, da Suíça. "Ele não é apenas membro de todos os órgãos de tomada de decisão, execução e gestão do HBP, mas também ocupa a presidência e supervisão dos processos administrativos. Além disso, nomeia membros da equipe de gestão", diz o relatório. O HBP reúne 130 instituições de pesquisa de 26 países.

Simulação computacional do cérebro humano na Universidade de Heidelberg, na Alemanha

